

"Há muitas autoridades que não estão interessadas em denunciar os offshore"

13 mar, 2018 - 20:09 • Sandra Afonso

Carlos Pimenta, professor da Universidade do Porto, afirma ainda que na Madeira os únicos grupos a tirarem vantagem da offshore são os consultores e os advogados.



A Zona franca da Madeira continua a ser usada para evasão fiscal e lavagem de dinheiro e beneficia sobretudo consultores e advogados.

É o que diz Carlos Pimenta, professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade do Porto, que acaba de lançar o livro "Os offshore do nosso quotidiano", da Editora Almedina.

Em entrevista à **Renascença**, defende que as isenções fiscais na região autónoma têm beneficiado sobretudo o capital, não os sectores produtivos.

Carlos Pimenta explica ainda que os paraísos fiscais têm servido para difundir o crime organizado e para atividades ilegais, e por isso devem ser erradicados.

O que leva alguém a recorrer a um offshore?

As razões podem ser muito diversificadas, desde coisas perfeitamente normais como montar um negócio até situações como branqueamento de capitais ou fuga aos impostos.

Quando falamos em questões como estas podemos ter como referência a quantidade de vezes em que as coisas acontecem e os montantes envolvidos: se consideramos a quantidade de vezes, há múltiplas razões para se ir para um offshore; se considerarmos as quantidades envolvidas, aí, sem dúvida que está essencialmente ligado com a fuga aos impostos e com o branqueamento de capitais.

Quanto dinheiro é que terá sido desviado da economia real para os offshore? Há estimativas?

Não há estimativas nesse sentido. O que há é cerca de 21 a 35 biliões (com 12 zerinhos à direita), se a memória não me falha, de registos nos offshore.

O que significa que está espalhado por todo o mundo, mas está registado no offshore, o que significa também que tem isenções fiscais, fuga aos impostos, testas de ferro, sigilo forte, etc. Há várias estimativas, esta é uma delas.

No seu livro explica que funcionam em rede, cada um de certa forma especializa-se numa área. Pode dar exemplos?

O exemplo mais típico é a Suíça, onde dado o sigilo e os montantes envolvidos, é normalmente um elemento de uma rede mais vasta, em que as várias empresas estão espalhadas pelo mundo e depois têm depósitos ou contas bancárias na Suíça, por vantagens de sigilo.

Outra situação é o Reino Unido, o sistema bancário da cidade de Londres, que controla toda uma rede imensa, quer seja territórios do Reino Unido, como é o caso de Jersey, Mann, como territórios ligados à Commonwealth. Grande parte dos depósitos que vão parar a Caimão ou semelhante são feitos também via Londres, que depois distribui por vários offshore.

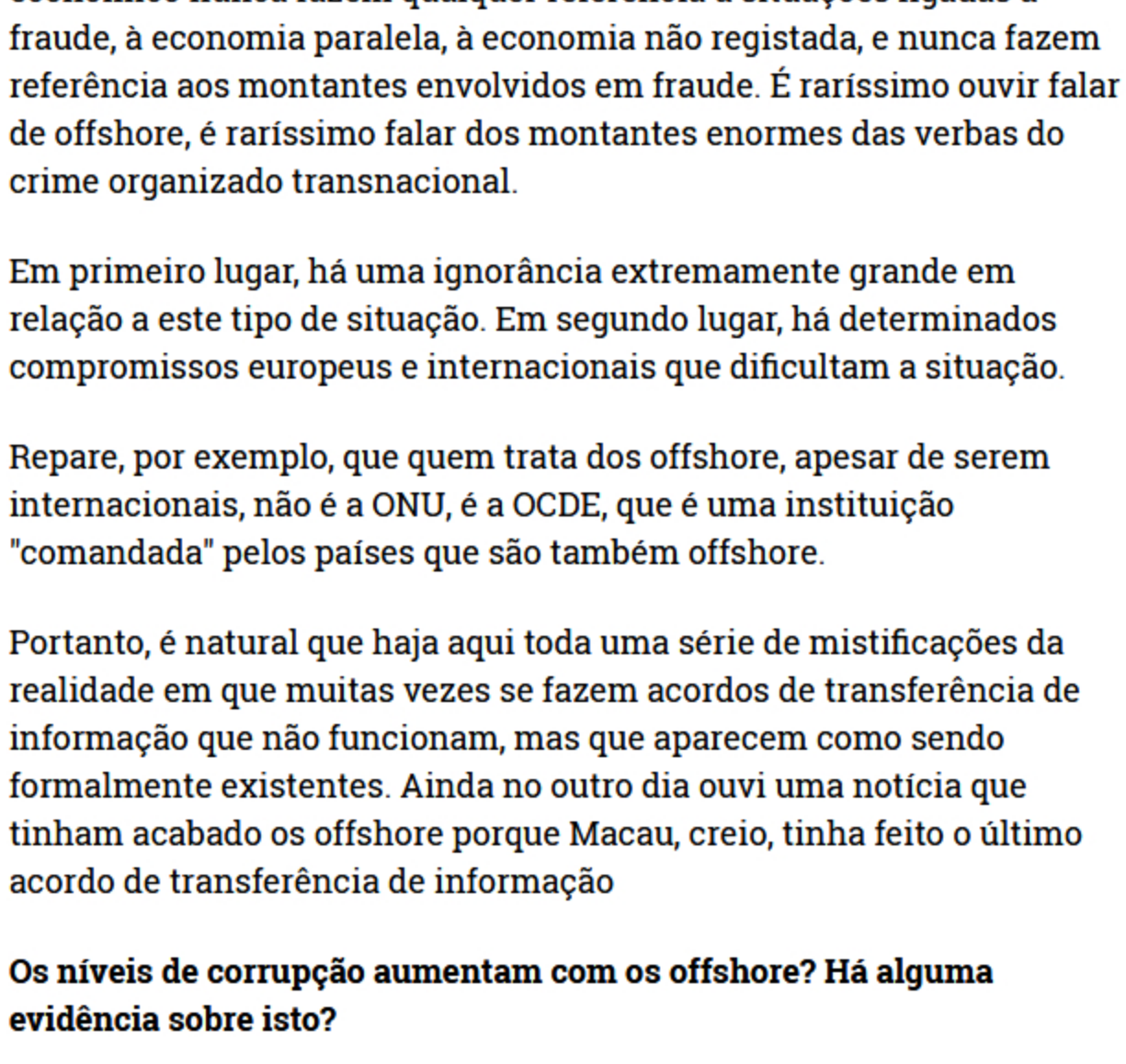
Porque é que é tão difícil às autoridades descobrirem estes crimes? O que é que impede que se denunciem uns aos outros?

Se calhar **há muitas autoridades que não estão interessadas em denunciar os offshore**. Eles são a via legal de uma série de procedimentos que são defendidos por várias instituições e por várias entidades, portanto, quando fala em autoridades depende de quais são essas autoridades.

O que assistimos ultimamente é de que mesmo as entidades que são relativamente pacíficas em relação a esta situação, é o caso da União Europeia, porque no seu seio está toda uma série de Instituições que fazem acordos fiscais, também começam a sofrer as consequências disso e começam a ouvir-se mais vezes no sentido de terminar com este tipo de atuações.

Agora, é natural que as autoridades não actuem devidamente, quer por influência ideológica, quer porque não têm capacidade muitas vezes para o fazer, porque estão dentro de determinadas Instituições que lhes dificultam a atuação.

Por exemplo, Portugal tem uma lista de offshore em que não figuram grande parte dos offshore europeus, nomeadamente o do Luxemburgo, considerado desde o início da constituição da Comunidade Económica Europeia.



Já que fala na lista dos offshore considerados pela lei portuguesa, ela está incluída no seu livro, ficou surpreendido pelas escolhas do legislador nacional?

Em geral, não. Achei piada à quantidade de referências a ilhas do Pacífico, que são perfeitamente irrelevantes, quer do ponto de vista dos montantes envolvidos, quer do significado que isso tem. Mas não fiquei surpreendido, já sabia que os grandes offshore, nomeadamente a Suíça, o Luxemburgo, Reino Unido, Estados Unidos, não constavam da lista.

Porque é que acha que isso acontece?

Provavelmente porque há uma certa ignorância sobre estas questões. Aliás, repare, grande parte das análises que são feitas do ponto de vista económico nunca fazem qualquer referência a situações ligadas à fraude, à economia paralela, à economia não registada, e nunca fazem referência aos montantes envolvidos em fraude. É raríssimo ouvir falar de offshore, é raríssimo falar dos montantes enormes das crimes do crime organizado transnacional.

Em primeiro lugar, há uma ignorância extremamente grande em relação a este tipo de situação. Em segundo lugar, há determinados compromissos europeus e internacionais que dificultam a situação.

Repare, por exemplo, que quem trata dos offshore, apesar de serem internacionais, não é a ONU, é a OCDE, que é uma instituição "comandada" pelos países que são também offshore.

Portanto, é natural que haja aqui toda uma série de mistificações da realidade em que muitas vezes se fazem acordos de transferência de informação que não funcionam, mas que aparecem como sendo formalmente existentes. Ainda no outro dia ouvi uma notícia que tinham acabado os offshore porque Macau, creio, tinha feito o último acordo de transferência de informação

Os níveis de corrupção aumentam com os offshore? Há alguma evidência sobre isto?

Não. A evidência é ao contrário, são os países bem-comportados que têm os offshore. O que faz com que algumas pessoas considerem que é necessário rever o conceito de corrupção porque, normalmente, quando se diz que um país é corrupto, estamos a referir-nos exclusivamente a que é corrompido.

São os casos dos países de África, por exemplo. Agora, se considerarmos o corruptor e o corrompido, se calhar os países europeus também são altamente corruptos, porque têm todo um conjunto de instituições que facilitam, criam condições favoráveis à existência da corrupção e a que esses montantes envolvidos na corrupção funcionem num branqueamento de capitais.

Podemos concluir que os offshore atraem empresas fantasma? Não criam empregos, não produzem nada nestas regiões, a não ser um centro financeiro, que no fundo apoia estes negócios.

É provável que haja algumas situações de empresas que se instalem lá e que tenham determinado tipo de atividade, para beneficiar dos impostos. Agora, a situação que diz é o mais habitual.

Muitas empresas funcionam como uma caixa de correio, como na Madeira, onde estavam mil empresas num único escritório sem funcionários. Portanto, neste tipo de situações estas empresas existem apenas para instalar empresas fantasma, em que aparece um indivíduo líder, dono dessa empresa, que não existe efetivamente ou que existe sem saber sequer que existe.

Ou então têm um tipo de atividade exclusivamente financeira, isto é, uma empresa, por exemplo, americana, exporta para um país, a mercadoria vai direta para esse país, mas a contabilidade passa por um offshore em que com sobrevalorizações e subfacturações consegue que o lucro fique nesse offshore, a chamada manobra dos preços de transferência, sem pagar impostos.

A zona franca da Madeira também é usada para evasão fiscal e lavagem de dinheiro?

Já foi mais, antes da troika, mas continua a ser. Continua a ter muitas empresas que não existem, de facto, com atividades regulares. Regista barcos de todos os países, eventualmente com determinado tipo de vantagens. Por outro lado, é um centro que permite determinadas isenções fiscais.

Aliás, se for à administração tributária ver as listas de isenções fiscais vai encontrar muitas empresas, que todos nós conhecemos, com isenções brutais por estarem instaladas no offshore da Madeira, em que normalmente o que está no offshore da Madeira é apenas a empresa gestora de um grupo, que vai usufruir de um conjunto de vantagens fiscais.

Qual é, afinal, a vantagem, para a Madeira e para a Portugal, de ter uma zona franca?

Já tive vários estudantes que quiseram fazer estudos sobre o impacto económico do offshore da Madeira, em várias épocas, e a conclusão a que chegaram sempre é de que se houve algum sector que beneficiou em relação a isso foram, sobretudo, os consultores e os advogados. Todos os restantes sectores de atividade não têm tido qualquer evolução especial, em resultado do offshore.

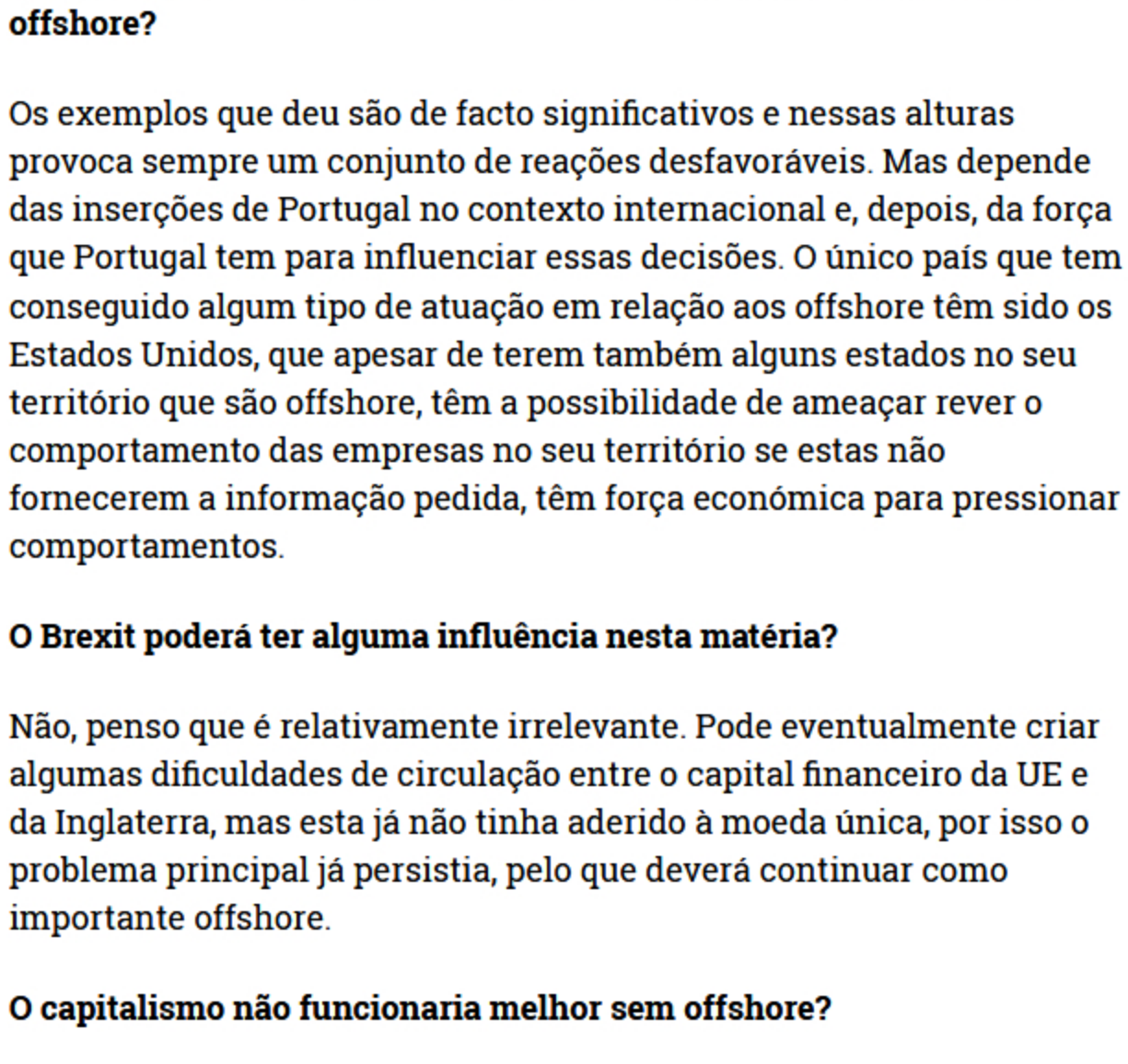
Repito a pergunta mas de uma forma mais lata: os offshore são uma vantagem ou uma desvantagem? É suposto promoverem o investimento mas, no fundo, o maior proprietário, por exemplo, é o Reino Unido.

Normalmente é uma desvantagem, mas depende da situação de cada país. Obviamente que em determinadas situações pode atrair capital financeiro, no sentido de determinado tipo de atividades. Agora, o que é um facto, é que os offshore atraem muito pouco capital produtor de mercadorias, portanto, capital industrial, capital produtivo.

São sobretudo centros onde se vai acumular registos contabilísticos, capital que vai ser utilizado para determinado tipo de especulações.

Do ponto de vista internacional é altamente desvantajoso, porque vai permitir o branqueamento de capitais com relativa facilidade, facilita a interligação entre o crime de colarinho branco e as organizações criminosas internacionais, e vai criar condições para a corrupção e fraude em geral. Portanto, do ponto de vista global é negativo.

Do ponto de vista individual, depende de país para país, provavelmente alguns tiram vantagem pela sua posição estratégica, como o Reino Unido, para a generalidade tudo se centra nos offshore e não têm qualquer tipo de desenvolvimento económico resultante daí.



Defende a erradicação dos offshore?

Obviamente, tudo o que é mau é para erradicar.

Como?

Lutando, fazendo com que as pessoas estejam mais esclarecidas sobre o assunto, que se forme uma opinião pública favorável ao fim dos offshore. Não há razão nenhuma para que existam, do ponto de vista social. Eles têm contribuído para o agravamento da situação financeira dos Estados, e nós temos essa experiência e praticamente toda a União Europeia, têm servido para a difusão do crime organizado, têm servido para todo um conjunto de atividades ilegais. Portanto, nesse aspecto é de combater.

Como? Fundamentalmente através do esclarecimento público e de forçar, na medida do possível e pelos meios democráticos adequados, que os Estados tomem posições em relação a isto. A grande dificuldade que há aqui, provavelmente, é que exige decisões, a nível nacional e internacional, e há dificuldade em influenciar estas decisões.

Com casos como os Panamá Papers, e o BES a nível nacional, entre outros, como é que nunca se chegou a uma ação concertada contra os offshore?

Os exemplos que deu são de facto significativos e nessas alturas provoca sempre um conjunto de reações desfavoráveis. Mas depende das inserções de Portugal no contexto internacional e, depois, da força que Portugal tem para influenciar essas decisões. O único país que tem conseguido algum tipo de atuação em relação aos offshore têm sido os Estados Unidos, que apesar de terem também alguns estados no seu território que são offshore, têm a possibilidade de ameaçar rever o comportamento das empresas no seu território se estas não fornecerem a informação pedida, têm força económica para pressionar comportamentos.

O Brexit poderá ter alguma influência nesta matéria?

Não, penso que é relativamente irrelevante. Pode eventualmente criar algumas dificuldades de circulação entre o capital financeiro da UE e da Inglaterra, mas esta já não tinha aderido à moeda única, por isso o problema principal já persistia, pelo que deverá continuar como importante offshore.

O capitalismo não funcionaria melhor sem offshore?

O capitalismo funcionaria melhor sem offshore no geral, isto é, no sentido da distribuição do rendimento, no sentido de produzir mais mercadorias, no sentido de haver um desenvolvimento maior do que aquele que tem havido.

Agora, é evidente que não podemos falar do capitalismo em geral, mas de quem manda nesse capitalismo, que são fundamentalmente, neste momento, as grandes empresas financeiras, as grandes empresas multinacionais. Umam ganham com todo o tipo de operações bolsistas, outras não querem pagar impostos.

Não é por acaso que num dia se registam operações financeiras que ultrapassam o PIB mundial de um ano.